

O Dinheiro e a Vida Espiritual

Roberto Assagioli¹

Se observarmos e examinarmos a nós mesmos com aquela completa e destemida sinceridade que deveria caracterizar todos os verdadeiros e sérios aspirantes à vida espiritual, logo descobriremos que o pensamento do dinheiro desperta em todos nós reações profundas e intensas. É um tumulto de emoções conflitantes, de atitudes apaixonadas, o que prova que o dinheiro constitui — adotando a conveniente terminologia psicanalítica — um forte complexo.

Na minha opinião, é bom analisar o complexo do dinheiro, para permitir que emergja à superfície tudo o que surge das profundezas de nosso inconsciente, e então lançar sobre ele a clara luz de nossa compreensão espiritual. Dessa maneira, podemos interpretar corretamente os fatos e corrigir atitudes erradas e reações injustificadas ou excessivas. Isso ajudará a dissipar, em certa medida, a intensa miragem que cerca o dinheiro e, conseqüentemente, evitar erros de julgamento e de ação que podem ter sérias conseqüências e constituir obstáculos reais ao nosso progresso espiritual.

O aspecto principal e mais geral do complexo do dinheiro é o apego. Isso é um fato óbvio, mas não devemos nos contentar simplesmente com esse reconhecimento. Para nos libertarmos com sucesso do apego, devemos tentar descobrir suas causas, suas raízes. Não é difícil perceber que elas chegam até alguns de nossos instintos e emoções mais fundamentais, o que explica a intensidade dos apegos do ser humano ao dinheiro. Esses instintos, tendências e emoções são: autopreservação (com seu resultado: a busca de segurança), cobiça e medo.

Mas, como o dinheiro se tornou cada vez mais um meio de alcançar prestígio social e de adquirir poder real, outra raiz do complexo do dinheiro é constituída pelo instinto de autoafirmação, a vontade de poder, que se manifesta como orgulho e ambição.

A essas causas primordiais e diretas do complexo do dinheiro, muitas outras podem ser adicionadas, o que complica bastante o problema.

Todos suficientemente evoluídos para possuir princípios éticos vivos e um senso incipiente de valores espirituais não podem deixar de perceber as más conseqüências — crimes individuais e coletivos de todos os tipos, prostituições físicas e morais, etc. — provocadas pela ganância e pelo apego ao dinheiro.

Uma reação imediata, espontânea, muitas vezes irracional e mais ou menos inconsciente a essa percepção é uma atitude de condenação do dinheiro, acompanhada por um sentimento de culpa pessoal em relação a ele. Além disso, muitas vezes há uma polarização de tendências entre nossa personalidade consciente e suas partes inconscientes, o que produz as seguintes atitudes conflitantes:

1. Uma consciente apreciação e desejo de dinheiro e um inconsciente complexo de culpa por isso.
2. Uma consciente condenação do dinheiro e um inconsciente e reprimido anseio por ele.
3. Uma ambivalência mais ou menos consciente e uma conseqüente oscilação entre as duas tendências.

Todas essas atitudes contrastantes produzem uma luta interna que se manifesta em um senso de confusão e incerteza. Mas frequentemente uma polarização excessiva produz hipercompensações extremas, muitas das quais têm conseqüências bastante desfavoráveis. Por exemplo, o inconsciente complexo de culpa é a causa de muitas falhas em ganhar ou manter dinheiro.

Não posso me debruçar agora sobre todas as ramificações e complicações do problema psicológico do dinheiro, mas mencionarei uma miragem específica que o complexo do dinheiro produz em um certo número de aspirantes espirituais sinceros e que provoca neles reações curiosas. Esses aspirantes consideram a vida espiritual e o dinheiro como duas coisas bem separadas, não tendo nada em comum, e se ressentem profundamente de qualquer tentativa de conectar os dois — por exemplo, qualquer apelo por ajuda financeira para realizar algum trabalho espiritual ou tornar possível algum tipo de serviço espiritual. Seu ressentimento às vezes é consciente e explícito, mas às

¹ Publicado na revista *The Beacon* em agosto de 1937 e disponível online em: <https://kennethsorensen.dk/en/money-and-the-spiritual-life>

vezes surge indiretamente sob a forma de suspeita dos motivos dos trabalhadores, de crítica a seus planos e políticas, etc.

Não é difícil ver como o complexo do dinheiro opera nesses casos. O apego ao dinheiro tende a criar todo tipo de pseudorrazões a fim de justificar para a própria pessoa e para os outros a recusa em apoiar ou contribuir com certo trabalho ou serviço. Esse é o mecanismo de racionalização, que é conhecido teoricamente por muitos, mas que frequentemente falhamos em detectar, e que é uma das principais manifestações de miragem.

Por outro lado, a condenação consciente ou inconsciente do dinheiro tende a criar uma atitude de que a vida e o trabalho espirituais não deveriam ter nada a ver com dinheiro, que deveriam transcorrer apenas em níveis “superiores” e por meios puramente ideais, evitando assim a influência contaminadora das considerações financeiras. Essa atitude frequentemente é bastante intensificada e internamente justificada pelo triste uso indevido que não poucos movimentos chamados espirituais fizeram de influências psicológicas sob a forma de promessas, atrativos e tipos ainda piores de pressão, a fim de extorquir dinheiro. Devemos mencionar também a excessiva ênfase colocada no sucesso material por alguns movimentos espirituais que, de outro modo, seriam bem-intencionados e puros.

É óbvio, então, que há uma grande necessidade de esclarecimento sobre esse complicado problema do dinheiro. Começemos pelo início: perguntemo-nos: “O que é o dinheiro?”.

Para compreender a natureza do dinheiro, recordemos como ele se originou. As primeiras trocas de bens materiais entre os seres humanos foram realizadas por meio de escambo. Em seguida, descobriu-se que um determinado bem material de utilidade geral, usado como um denominador comum e um padrão entre os vários bens, era bastante conveniente e facilitava muito o processo. Esse bem padrão foi de vários tipos: sal, tiras de couro, mas, mais usual, metais, até que o ouro foi finalmente adotado para esse propósito. Outro passo foi dado pela criação do papel-moeda, representando o ouro, e, mais recentemente, pelos cheques, etc.

Esses fatos mostram claramente que o dinheiro, na realidade, é meramente um artifício conveniente criado pelos seres humanos para facilitar a troca de bens materiais e serviços — na verdade, para tornar possível tal troca na escala enorme, das maneiras complicadas e com a crescente rapidez requeridas pela vida contemporânea. Se quisermos expressar isso mais filosoficamente, o dinheiro é um *símbolo* dos bens materiais.

É óbvio então que, *como tal*, o dinheiro não merece nem o apego nem a condenação dos quais ele é objeto. Os seres humanos erroneamente projetam sobre o símbolo o que está dentro de si mesmos.

Apenas *dentro* dos humanos se encontram a verdade e o erro, o bem e o mal. Se considerarmos o problema do dinheiro a partir desse ângulo mais profundo, psicológico e subjetivo, perceberemos que nossos erros e nossos pecados (se pudermos usar essa palavra, que soa antiquada, mas que é difícil de substituir) são de dois tipos. Em primeiro lugar, dizem respeito diretamente ao próprio dinheiro, e em segundo, dizem respeito aos bens materiais em geral. O primeiro erro e incompreensão se deve à tendência perversa (devido à miopia mental e à hipnose materialista) de confundir os fins com os meios, de identificar erroneamente o instrumento com o que ele produz e, falando de maneira mais geral, de considerar o símbolo como a realidade, a forma como a vida.

É uma ilusão da qual podemos observar muitos casos, e alguns deles são bastante divertidos — quando os notamos nos outros! É evidente em todas as formas de colecionar objetos sem valor prático ou artístico e pagar por eles preços extravagantes apenas por conta de sua raridade.

Assim, os bibliófilos — ou deveríamos chamá-los de bibliomaníacos? — preferem as edições antigas que mal conseguem ler, em vez das belas edições modernas. Como diz um epigrama francês, o bibliófilo é capaz de exclamar: “Que sorte! Eu estou realmente feliz. Consegui uma boa edição. Veja aí, nas páginas 12 e 16, os erros que faltam nas outras edições!”.

Mas, no caso do dinheiro, não é uma mania inofensiva e um tanto ridícula. A miragem, nesse caso, produz paixões tão vis que, através delas, simbolicamente falando, o homem pode “perder sua alma”. Portanto, a primeira atitude espiritual que devemos tomar em relação ao dinheiro é a de eliminar toda avaliação excessiva dele, de nos libertarmos do fascínio que emana dele e de considerá-

lo com visão clara, com objetividade fria, vendo-o pelo que ele é na realidade: simplesmente um símbolo útil, um artifício prático.

Isso abre caminho para a consideração e a tentativa da solução do problema básico: o da correta atitude para com todos os bens materiais e posses mundanas. Esses bens, qualquer que seja a forma que possam assumir — alimentos, roupas, casas, ferramentas, obras de arte — são compostos de, ou são derivados de, materiais pertencentes aos três reinos da natureza: mineral, vegetal e animal. Portanto, não pode haver nenhum mal intrínseco neles. De acordo com a consideração puramente externa e material, eles são apenas “coisas”. Do ponto de vista espiritual, eles são partes da Manifestação Divina e, como tais, são dádivas de Deus.

Consequentemente, seu significado para nós, os efeitos bons ou maus que podem ter, devem-se à nossa atitude interna para com eles e ao uso que, por livre e consciente escolha, podemos fazer ou fazemos deles. Esse reconhecimento fundamental lança uma luz esclarecedora sobre muitas e importantes questões práticas e espirituais.

Em primeiro lugar, é óbvio que a falta de posses materiais de forma alguma resolve o problema do desapego e da libertação. Mesmo sem levar em consideração todas as dificuldades e limitações que a falta de dinheiro e de posses inevitavelmente provoca em nossa civilização moderna, qualquer pessoa que, embora não tenha posses, as deseja, é infeliz sem elas, inveja e se ressentido de quem as tem, não é menos apegada do que as outras: psicologicamente é escrava de posses. Pelo contrário, uma pessoa rica que está internamente desapegada de seu dinheiro, que não tem avidez nem medo em relação a ele, é realmente uma pessoa espiritualmente livre e “pobre em Espírito”.

Mas nem mesmo esse desapego interno, que é uma conquista elevada e difícil, constitui uma solução completa do problema do dinheiro. Resolve o problema individual; isto é, coloca o ser humano em paz com sua própria consciência e, desse ponto de vista, em paz também com Deus; mas nenhuma vida individual é isolada: estamos todos entrelaçados uns com os outros por muitos fios de relações familiares e com outros grupos, tanto de caráter moral como prático, que não podem ser ignoradas e descartadas. Portanto, o desapego interno deve ser complementado pelo correto uso do que possuímos e ganhamos.

Tal correto uso pode ser determinado apenas por uma clara concepção espiritual que mostre as verdadeiras relações existentes entre nós, os outros e a Vida Una da qual todos somos parte. Do ponto de vista dessa Realidade última, nenhum indivíduo pode reivindicar ter propriedade exclusiva e absoluta de qualquer coisa. Nossa posição e função reais, como Cristo tão bem indicou na parábola dos talentos, é a de depositários de todas as nossas assim chamadas posses; responsáveis, como administradores, perante o único e verdadeiro Mestre e Proprietário.

O problema espiritual e prático é, portanto, definido e focalizado como o da correta e sábia utilização das posses e do dinheiro para o mais elevado bem de todos (nós incluídos, mas não com quaisquer direitos especiais ou posição privilegiada). É essa correta utilização que é o verdadeiro significado do serviço.

A partir dessa base segura, podemos continuar a considerar o uso do dinheiro no serviço. Mas, para chegar a uma conclusão verdadeira e satisfatória, devemos primeiro considerar alguns aspectos mais profundos do dinheiro.

O dinheiro como parte, ou como representante, da manifestação divina pode ser considerado como energia divina materializada ou condensada — o que os orientais chamam de prana. Em sua origem e essência, é, portanto, algo bom e puro. Mas, no decurso de seu uso, o dinheiro, e outras posses materiais também, fica poluído pelas paixões malignas, pelos desejos baixos, pelas preocupações e medos, pelos apegos egoístas de todos a quem pertence temporariamente.

Essa não é uma conexão meramente simbólica ou psicológica: é um fato oculto real. Forças psíquicas malignas reais são formadas e acumuladas e se anexam ao dinheiro e às posses. Isso é dramaticamente demonstrado pelas influências sinistras emanadas por certas joias famosas, mas é mais ou menos o caso de todos os outros tipos de bens materiais. Essa é uma das principais causas de todo problema, de toda luta, desajuste e distribuição injusta individuais e coletivos relacionados com bens materiais e, particularmente, com o dinheiro. E, se essa causa tem um caráter psíquico, subjetivo,

a verdadeira solução, o remédio efetivo só pode ser do mesmo tipo: pode ser apenas subjetivo, psicológico e espiritual.

Tal solução é dupla: geral e específica. O aspecto geral é o do deliberado e correto uso, através do correto motivo e da habilidade na ação. Mas primeiro, vamos abordar a maneira específica e mais oculta de contrabalançar o que poderia ser literalmente considerado como a “maldição” que está ligada ao dinheiro.

(Essa “maldição” forma o tema central e o significado profundo da série realmente esotérica de dramas musicais de Wagner — “O Anel do Nibelungo”).

Essa purificação espiritual e redenção do dinheiro podem ser alcançadas pelo uso consciente de nossas energias espirituais e psicológicas, de modo a contrabalançar, neutralizar e tornar inofensivas as influências malignas. Como todo ato de magia branca (o que realmente é), ele pode ser realizado pela ativação do pensamento concentrado, animado pelo correto sentimento (ou força emocional) e projetado pela vontade através do uso da afirmação, formulada em palavras.

Se submetêssemos todo dinheiro que passa por nossas mãos a tal “tratamento” ou cura, e se um número cada vez maior de pessoas deliberadamente fizesse isso, muitos problemas que não encontram solução externa e técnica seriam eliminados. Isso pode parecer surpreendente — tão pouco estamos acostumados nesta civilização materialista a dar verdadeira consideração prática à realidade e ao poder das forças subjetivas e invisíveis — contudo, assim é, e, se formos consistentes em nossas convicções espirituais, não podemos deixar de admitir isso.

Qualquer formulação correta de tal afirmação pode ser efetiva. Um grupo vem usando há algum tempo a seguinte:

Bênção do dinheiro

Que este dinheiro seja abençoado —

Ele é um símbolo da substância e da energia divinas.

Que ele seja redimido de toda influência impura,

De todo pecado, de todo apego e avidez.

Eu o aprecio e o mantenho como uma dádiva divina.

Eu o usarei apenas para propósitos bons, corretos e apropriados.

Ao usá-lo, eu novamente o abençoo e agradeço por ele.

Consideremos de novo agora o correto uso do dinheiro. Isso também pode ser subdividido em genérico e específico.

Genericamente, o correto uso do dinheiro pode ser considerado como aquele pelo qual os bens materiais necessários e legítimos são obtidos para nós mesmos, para nossa família e para os outros com uma atitude interna de apreciação e gratidão, com sabedoria, moderação e bondade, com liberdade interna de apegos.

O correto uso específico é aquele dedicado a propósitos definidamente espirituais. Aqui surge a questão brevemente indicada no início. A justificação e a necessidade de crescentes uso e consagração do dinheiro para promover causas espirituais parecem óbvias para qualquer pessoa livre dos complexos do dinheiro que descrevemos.

Cristo disse que o Reino de Deus deve ser realizado na Terra; e, nos tempos modernos, uma crescente ênfase é colocada em tornar a espiritualidade prática e efetiva na vida diária. Essa manifestação da espiritualidade obviamente requer meios materiais. Mesmo quando, na Idade Média, prevalecia uma concepção mais ascética e não mundana, a religião precisava de meios materiais para cumprir sua função social. Por exemplo, suas belas catedrais não poderiam ter sido construídas e adornadas sem um grande gasto de dinheiro.

A história de São Francisco é muito significativa a esse respeito. Todos nós apreciamos a grandeza e a real espiritualidade de São Francisco quando renunciou a todas as posses mundanas, e até tirou suas roupas na Catedral de Assis, e foi viver a vida de um eremita, sem dinheiro, e proibindo seus primeiros seguidores de tocar em qualquer dinheiro. Mas, logo após sua morte, seus seguidores, ainda bastante ardentes e com a melhor atitude, descobriram que era praticamente impossível viver,

mesmo então, sem usar nenhum dinheiro e sem ter algum tipo de posse. E, a partir daquele momento, as Ordens Franciscanas lidaram com dinheiro, e agora seus membros viajam de trem e usam todos os instrumentos modernos da civilização. Então você vê que um movimento que tinha começado com a ideia de acabar com o dinheiro (o casamento místico de São Francisco com a Dama Pobreza) teve, em muito pouco tempo, que usá-lo. E é claro que tudo bem, desde que a correta atitude interna seja mantida. O fato de os franciscanos lidarem com o dinheiro não deprecia de forma alguma seu ideal espiritual, se o fizerem com desapego e liberdade. Esse é o teste individual e o problema de cada monge franciscano — e de cada um de nós.

Uma analogia com a música tornará ainda mais clara a verdadeira relação entre as realidades espirituais e os meios materiais. As cordas de violino aparentemente não têm nada a ver com as composições sublimes de Bach, no entanto, para que um violinista possa torná-las audíveis para milhares de ouvintes, elas são necessárias, assim como a madeira do instrumento, etc.

O mesmo ocorre no trabalho e no serviço espirituais. Tomemos o seu aspecto mais simples: o da difusão da mensagem espiritual através do papel impresso. (...) A quantidade de bem que pode ser assim produzida é incalculável e desproporcional à quantidade de dinheiro utilizada; um livro, um panfleto e até mesmo um artigo podem transformar uma vida e, através dela, muitas outras vidas. Muitos exemplos desse tipo poderiam ser dados. O mesmo poderia ser dito sobre o dinheiro usado para tornar possível uma turnê de palestras ou uma convenção espiritual, na qual o poder da palavra falada e a vivificação subjetiva provocada pelos contatos e pelo trabalho grupal podem ter consequências benéficas de longo alcance. (...)

O dinheiro existe; o que devemos fazer é cultivar, com uma intensidade dinâmica, a percepção da necessidade, do valor e da oportunidade de seu uso para propósitos espirituais, de modo a sermos capazes de despertar para tal percepção aqueles que estão em posição de dar.

Outro fato que é bom perceber, e ajudar os outros a perceber, é que a “doação espiritual” traz muitas bênçãos para o doador.

Em primeiro lugar, há o funcionamento seguro da lei de causa e efeito, segundo a qual toda boa ação tem uma reação benéfica sobre seu agente. Esse “bom carma” pode neutralizar e contrabalançar muito “mau carma” correspondente criado no passado recente e remoto — e quem poderia se considerar livre de tal dívida?

Então, há uma bênção interna ainda mais valiosa: dar para propósitos espirituais com deliberação, com alegria, com motivo puro, traz uma maravilhosa liberação interna, abre um canal para o influxo de luz, amor e poder espirituais.

Por último, mas não menos importante, a doação espiritual atrai necessariamente a atenção amorosa dos Grandes Seres, Daqueles que fizeram a sublime renúncia de Sua libertação e bem-aventurança individuais a fim de permanecerem próximos à humanidade, de modo a ajudá-la e salvá-la. Eles estão sempre, e particularmente neste período crítico e decisivo, procurando por trabalhadores dispostos, e todos os que de alguma forma ajudam a promover Sua causa, a realizar Seus planos, não deixarão de receber Seu reconhecimento e Sua apreciação. Como disse um Deles: “A ingratidão não é um de nossos vícios”.

A fim de eliminar todo mal-entendido e qualquer possível desencorajamento ou amargura por parte daqueles que não podem dar e servir dessa maneira específica, enfatizarei que todas as outras maneiras de servir são igualmente — e frequentemente ainda mais — valiosas e úteis e que algumas delas são de ordem superior.

Há, em primeiro lugar, a ajuda prática de vários tipos, que pode ser dada em conexão com a difusão da luz espiritual no mundo; por exemplo, estenografar ou estenotipar, copiar e mimeografar, endereçar envelopes, etc. — essas atividades aparentemente materiais se tornam espirituais quando, e na medida em que, são feitas com um *motivo espiritual* e para um *propósito espiritual*.

Então, há todo o serviço que pode ser realizado através dos poderosos meios de falar e escrever sobre a *Verdade*. Não há necessidade de enfatizar a potência da palavra.

O mais elevado e mais poderoso de todos é o trabalho *subjetivo* e o serviço que pode ser prestado através da oração, através da deliberada construção de formas-pensamento da maneira descrita no *Tratado sobre a Magia Branca* e através da sutil, mas irresistível, irradiação espiritual

que emana espontaneamente daqueles que alcançaram alguma medida de realização espiritual. Nenhum obstáculo material pode evitar esse tipo de doação. Como já foi dito, “pode-se estar na prisão e ser um servidor do Plano”.

Mas os pontos que quero deixar claros são:

1. O serviço espiritual através do dinheiro é legítimo, necessário e de um valor incalculável.
2. É a maneira mais fácil, e às vezes quase a única, de servir, para aqueles que têm meios, mas não dons pessoais de expressão ou uma adequada medida de treinamento e realização subjetiva.
3. Ele contribui para a necessária purificação e redenção do dinheiro e de posses das forças malignas e do carma ligado a eles desde origens antiquíssimas.

Podemos concluir dizendo que a maneira particular de servir não importa tanto. *Todas as maneiras são necessárias*. O que é importante é que cada um de nós possa dar abundantemente do que tem ou do que é e que, enquanto serve assim, possa se liberar mais e mais dos grilhões das limitações de personalidade e se fundir consciente e alegremente na Vida Una.